

José de Alencar e a crítica literária

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF
da 5ª Região

É um lugar-comum que não pode ser arquivado: José Martiniano de Alencar é o patriarca da literatura brasileira.

Ontem, hoje, e, com certeza, amanhã.

De fato, leitor assíduo de Balzac, Hugo, Vigny e Chateaubriand, ainda estudante do curso preparatório, em São Paulo, Alencar imaginou criar um instante na literatura nacional que fosse um “poema da vida real”.

Sonhou, assim, com uma consciência literária eminentemente brasileira.

Foi mais: pugnou pela adoção do tupi-guarani como o idioma pátrio.

Depois dele, um outro escritor, com alma, emoção e sentimento iguais, pensou assim, embora de matizes distintos: Guimarães Rosa.

Realmente, o criador de *Grande sertão: veredas* buscou uma liberdade de linguagem total, quando chegou a dizer: “Eu quero tudo: o mundo, o brasileiro, o português, o latim – talvez até o esquimó e o tártaro”.

E conclui: “Queria a língua que se falava antes do Babel”.

Preocupados com a preservação da lingüística pátria, ambos se agigantaram no respeito e admiração com que a história os reverencia.

José de Alencar, que madrugou na idéia de desenhar a sua terra, aos 18 anos decidiu escrever “uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto do Guarani ou de Iracema”. Tentou publicar *Os contrabandistas*, livro inacabado e perdido.

Finalmente, aos vinte e sete anos, estréia com o livro *Cinco minutos*, publicado em folhetins pelo jornal Correio Mercantil.

Daí, pavimentou todos os caminhos de sua grande produção literária.

Seguro da grandeza, limpidez verbal e densidade temática de seus textos, tinha uma soberana consciência do valor de tudo aquilo que escrevia.

A crítica literária, porém, não o via com os olhos da admiração e do louvor.

Pelo contrário, acicatava os seus livros pelo “linguajar enfadonho e estilo rebarbativo”.

Ele sabia da antipatia dos críticos literários aos seus livros.

Por isso, desabafou contundente: “Eles são uma casta de gente que tem a seu cargo desdizer de tudo. Seu dogma é a contrariedade. Como os antigos sofistas, deleitam-se em negar a verdade. Ao meio-dia contestam o sol; à meia-noite, impugnam a escuridão. Como Heráclito, choram quando o mundo ri, ou, como Demócrito, zombam quando a seriedade se lamenta”.

Crítico algum ofuscou o brilho das metáforas alencarianas.

Os seus romances têm o selo dos valores inesquecíveis.

Como os lábios de mel de Iracema.